



Segundo Corpo

Florin Flueraș

Desde o final da década de 60 ficou claro para muitas pessoas ao redor do mundo que não é suficiente tentar se opor à ordem político-econômica. O problema não reside em como trazer mais corpos às ruas para lutar contra o poder e os problemas óbvios, mas também sobre que tipo de vida dá poder a esses corpos. Os corpos dos manifestantes e dos governantes não são tão diferentes – apesar das diferenças raciais, sexuais e de classe, em certos níveis compartilhamos um grau de rigidez e limitações em nossos corpos, capacidades e potencialidades. Intuitivamente, muito do que aconteceu no final dos anos 1960 estava relacionado à abordagem desta situação; a uma liberação do corpo das restrições raciais, sexuais e disciplinares. Desde então, muito se falou sobre o capitalismo que constrói nossas mentes e corpos, sobre o imperativo de seguir nossos desejos e trazer liberdade para o corpo. E sobre algumas experimentações na vida comum, na sexualidade, com substâncias psicotrópicas, e tudo o que pode ser feito para trazer liberdade à mente e ao corpo.

Um bom exemplo dessa atitude foi a passagem de um regime disciplinar para uma espécie de regime expressivo do corpo na dança desse período. Improvisação era a palavra-chave, e tudo parecia possível. O corpo, livre da disciplina da dança clássica e moderna, poderia finalmente se expressar. O entusiasmo e a alegria da liberdade duraram um tempo, mas, depois de anos e anos de auto-expressão, chegou-se a um momento depressivo, quando a percepção de que não existe “si mesmo” para expressar não pôde mais ser adiada. Os “movimentos autênticos” e as expressões de “liberdade do corpo” começaram a aparecer como um monte de clichês, estereótipos e padrões de movimentos – restos recombinações das danças disciplinares descartadas. O mesmo aconteceu com os corpos menos dançantes – nossos corpos da pós-disciplinar sociedade de controle são a expressão de automatismos e hábitos dos regimes de disciplina e poder anteriores. Comandos antigos e novos são incorporados e expressos em nossos movimentos e comportamentos livres.



O corpo livre – obtido por meio da experimentação árdua com todos os tipos de substâncias, sexualidade e técnicas de libertação de si – ficou exausto e, no fim das contas, acabou se mostrando não tão livre assim. A alegria e a sensação de liberdade, sentidas com a saída do corpo disciplinado, foram rapidamente consumidas. A festa logo acabou, e a ressaca durou muitos anos depois de Woodstock, que é também um bom exemplo de como a liberdade do corpo foi transformada em espetáculo, uma representação da liberdade largamente consumida. Depois disso, a captura e a instrumentalização deste corpo “livre” e auto-expressivo continua e torna-se central para uma nova economia na qual a sensibilidade, a intuição, a afetabilidade, a criatividade e outras capacidades são postas para trabalhar. “Expresse-se” parece ser o imperativo de hoje, e o Facebook é apenas um exemplo. Há uma abertura para o consumo de mais experiências, mas este tipo de liberação não produz um novo corpo, é apenas uma permissão para que o velho corpo se expresse.

Silvia Federici¹ considera que este corpo que queremos libertar é, na verdade, uma máquina, cuja construção foi necessária para o aparecimento e desenvolvimento do capitalismo: “o corpo humano, e não a máquina a vapor e nem mesmo o relógio, foi a primeira máquina desenvolvida pelo capitalismo”. Este corpo-máquina foi construído com a ajuda de filósofos como Descartes e Hobbes, que também estavam comprometidos com outro projeto necessário – a aniquilação de um corpo mais aberto e sensível presente naquele período:

O que morreu foi o conceito de corpo como um receptáculo de poderes mágicos, que prevaleceu no mundo medieval. Na realidade, ele foi destruído. Como pano de fundo para a nova filosofia, encontramos uma grande iniciativa por parte do Estado por meio da qual o que os filósofos classificaram como “irracional” foi taxado como crime... Em Descartes, a redução do corpo à matéria mecânica permite o desenvolvimento de mecanismos de autogerenciamento que fazem do corpo o sujeito da vontade. Em contrapartida, em Hobbes, a mecanização do corpo justifica a submissão total do indivíduo ao poder do Estado. Em ambos, no entanto, o resultado é uma redefinição dos atributos corporais, que transformam o corpo, pelo menos idealmente, em adequado para a regularidade e o automatismo exigidos pela disciplina do trabalho capitalista.

¹ Federici, S. *Caliban and the Witch*. New York: Autonomedia, 2004.



Há antropólogos que consideram essa mecanização e esse pensamento radicalmente materialista como “o produto de uma epistemologia ocidental, estendendo-se desde a visão nitidamente biológica de Aristóteles sobre a alma humana em *De Anima*”². Podemos também facilmente rastrear as premissas para o “nosso” corpo-ferramenta desde o momento em que a agricultura e a instrumentalização da natureza começaram. Era necessária muita (auto) organização, uma boa ocasião para a disciplina, a centralização e a dominação a serem implantadas sobre a natureza mais próxima – o “próprio corpo” e o resto da natureza. Como resultado, temos uma relação senhor-escravo com “nosso corpo”, na qual os hábitos corporais, padrões e capacidades são reduzidos ao que é economicamente útil, bem como a vida e o mundo organizado em torno da captura e predação.

O esforço dos anos 1960 de libertar esse corpo-ferramenta não foi suficiente, porque, à semelhança do que aconteceu quando isto foi tentado na dança, o que resta após a “libertação” são apenas estereótipos e clichês. Nossos corpos são moldados pelo nosso tipo de cultura, natureza, sociedade, economia, política, especialmente nas camadas inconscientes, no desconhecido – no nível dos reflexos, hábitos, automatismos de percepção, circuitos afetivos etc. Não é suficiente desconstruir ou aplicar um pensamento crítico ao corpo-ferramenta ou no mundo. Você precisa reconstruir o corpo e isso é um tipo diferente de trabalho. Por outro lado, precisamos desse corpo-ferramenta também, porque é o que temos para navegar neste mundo.

Segundo Corpo

Alfonso Lingis considera que “organiza-se instintivamente a vida de modo que as tarefas, as ferramentas, os problemas e os encontros se repitam igualmente a cada dia, evitando-se os limites”³. Os hábitos familiares e padrões de percepção e movimento estão silenciando todos os fatores inumanos no corpo. Deste modo, o primeiro corpo confirma constantemente o mundo e seus comportamentos, o primeiro corpo sempre encontra um mundo conhecido, estabilizado. A quantidade do conhecido está constantemente se expandindo, até se tornar a totalidade da percepção – então nós realmente sabemos, perfeitamente, o

² Scheper-Hughes, N. e Lock, M. *The Mindful Body: A Prolegomenon to Future Work in Medical Anthropology*. *Medical Anthropology Quarterly*, New Series, v. 1, n. 1, Mar. 1987. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/648769>>

³ Alfonso Lingis citado por Sparrow, T. *Bodies in Transit: The Plastic Subject of Alfonso Lingis*. *Perspectives: International Postgraduate Journal of Philosophy*, v. 2, Dublin 2009. Disponível em: <<http://t.co/oM9oFTAH>>



que um corpo pode fazer e o que ele é. Nossos corpos estão impregnados de uma concepção biológica, existe um conhecimento científico que pomos automaticamente nos corpos e objetos. Sabemos apenas que eles são feitos de moléculas e átomos, e não de afetos, espíritos, ou algo semelhante, e tomamos como certo que um corpo não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Mesmo que isso pareça uma realidade muito sólida e fundamentada, há espaços onde este pensamento científico e materialista é infundado. É possível que um amazônico prolongue o fim do último parágrafo, sobre a impossibilidade de um mesmo corpo estar em dois locais ao mesmo tempo, afirmando: “talvez nem tanto na Europa, mas na Amazônia pode”. Isso é multinaturalismo, uma característica importante do perspectivismo de Viveiros de Castro⁴, “uma diversidade radicalmente objetiva. Uma única cultura e múltiplas naturezas”. Existem naturezas múltiplas, mundos diferentes, e não uma realidade objetiva percebida e interpretada de forma diferente em cada cultura. Viveiros de Castro estava consciente de que, nestes tipos de mundo, a desmaterialização do corpo e do pensamento é necessária: “O que eu chamo de ‘corpo’ não é sinônimo de uma substância diferente ou forma fixa, é um conjunto de afetos ou modos de ser que constituem um habitus”. Este tipo de material da Amazônia, diz Aparecida Vilaça, nos permitirá discernir um corpo que não está impregnado de uma concepção biológica, “um corpo cuja existência é fugaz e cuja realidade está nos olhos dos outros”⁵.

Kuniichi Uno⁶ vê na obra de Artaud um potencial para uma desfundamentação semelhante também para corpos menos amazônicos:

Artaud opõe seu corpo ao corpo orgânico como objeto biológico, médico, higiênico etc... o corpo, para ele, é algo que sempre se distingue do corpo como objeto determinado, contornável. Mas o que ele queria fazer não era destruir este autômato, mas desvencilhar-se do autômato, do seu próprio corpo paralisado. O que ele queria era reconstruir ou descobrir um outro autômato que se gerasse seguindo as forças, os fluxos e o tempo, um outro tempo.

Ele queria construir um segundo corpo, um Corpo sem Órgãos, e a maneira de fazê-lo era dilatando “o corpo da minha noite interna”.

4 Viveiros de Castro, E. Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 4, n. 3, Sep. 1998. Disponível em: <<http://clst307.wikispaces.com/file/view/perspectivism.pdf>>

5 Vilaça, A. Chronically Unstable Bodies: Reflections on Amazonian Corporalities. *Royal Anthropological Institute*, v. 11, n. 3, 2005.

6 Uno, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. Trad. Christine Greiner. São Paulo: n-1Edições, 2012.



Nós não sabemos como produzir um segundo corpo. Mas há uma possibilidade de trabalhar com este desconhecido, com a noite externa e interna. O desconhecido pode se tornar um procedimento – “Eu não sei”, como a premissa constantemente presente. Em Composição em Tempo Real (uma prática iniciada por João Fiadeiro no campo da dança contemporânea), um aspecto importante é resistir à primeira decisão, ao primeiro impulso para agir em uma determinada situação, esperando uma “segunda onda”, uma segunda inspiração. As opções da primeira onda estão vindo do habitus, do corpo autômato, a segunda onda, se você aprende a reconhecê-la, traz uma resposta conectada à novidade da situação, traz a presença. Em algumas zonas da dança contemporânea, o conceito de presença é muito importante. Presença acontece quando o *performer* é sensível e se conecta com uma segunda realidade desconhecida. E, porque esta realidade não é pessoal e, por vezes, nem sequer humana, de alguma forma este ato de estar sensível afeta o público também, e a caixa preta do teatro torna-se mágica.

Se os mundos e as naturezas são organizados em torno de hábitos, não é possível produzir outro mundo e outro corpo através de simples atos de vontade, nem apenas através de abordagens teóricas. Em vez de mudar a nós mesmos e desenvolver novas práticas, podemos acrescentar camadas de desconhecido àquilo que já fazemos, adicionando uma segunda natureza, segunda atenção, segundas intenções, segunda atividade aos comportamentos cotidianos, à primeira realidade. O primeiro corpo não pode e não deve ser aniquilado ou substituído, o que podemos fazer é cultivar um segundo corpo, desviando a atenção do corpo conhecido e alimentando o desconhecido. Ao inserir uma tendência de resistir à necessidade de manipular a si mesmo de acordo com sua avaliação e julgamento da situação, uma segunda possibilidade não imaginada aparece. Se no nível de nossos micromovimentos e microdecisões um pequeno espaço ou um pequeno atraso é inserido e um pouco de desconhecido pode ocorrer, então o conhecido dá um passo atrás, aparece uma potencialidade para alguma outra coisa acontecer e isso pode ser sentido como uma novidade, como presença.

O que poderia assumir o controle é uma atenção invertida. O primeiro corpo é constituído em torno de uma atenção que cria o corpo como uma imagem, como um instrumento, como um esquema corporal coordenado a partir de um centro de controle. É uma atenção espetacular que está à procura de objetos para explorar, uma atenção que percebe o ambiente como algo separado, como algo a conquistar e dominar. Nos dias de hoje, esta atenção espetacular é esticada ao máximo



e acelera todas as (in)capacidades do primeiro corpo, especialmente a incapacidade de afetar e ser afetado⁷. O presenteísmo descrito por Peter Fleming pode ser uma forma de greve do primeiro mundo e da primeira atenção: “presenteísmo é quando você comparece ao seu trabalho, mas apenas sente lá e você está vazio e atravessa os movimentos e faz o mínimo e deseja estar em outro lugar”⁸. Esta distância, a desconfiança para com a primeira atenção e um pouco de desconhecimento criam um bom ambiente para a segunda atenção se desenvolver. A segunda atenção, que inverte a primeira atenção e vem da periferia, vai do corpo à mente. Ela não se orienta tanto para a dominação quanto para sensibilidade. Não se trata de enviar comandos para o corpo, mas de receber afetividade a partir da forma do corpo. Esta é uma atenção de abertura, uma atenção que vai em direção ao desconhecido.

Tom Sparrow, seguindo Strauss, chama essa atenção afetiva de “inteligibilidade animal alingual” – “um tipo de inteligibilidade nascente na sensibilidade, uma inteligibilidade que é afetiva antes de ser inteligível e vital antes de ser racional. É uma inteligência pré-racional que nós seres humanos compartilhamos com outros seres carnais”⁹. Esta sensibilidade nos conecta ao que Massumi chama de “estrato não-humano”, que está integrado no corpo humano¹⁰, e ao que um corpo “radicalmente aberto” absorve, a partir do contexto, o ambiente em que se move¹¹. Os estudos sobre a “percepção primária” na vida das plantas, feitos por Cleve Backster¹², também apontam para uma bioafecção geral, uma sensibilidade e empatia geral entre os seres vivos. Talvez haja uma comunicação geral, ou circulação, que as formas de vida estejam compartilhando. Os novos feiticeiros, descritos por Castañeda, estão colocando afetibilidade no mundo inorgânico, e também falam de “seres inorgânicos” ou “aliados”, que são “entidades com consciência, mas não vida como nós a entendemos”¹³.

A principal técnica de sonhos lúcidos e experiências fora do corpo é tornar-se consciente do seu corpo ou de uma parte de seu corpo durante o sono. Isso cria um estranho ciclo de realimentação que instala

7 Fluera, F. *We are all Reptilians Now*. 2012. Disponível em: <<http://florinflueras.blogspot.ro/2012/08/we-are-all-reptilians-now.html>>

8 Fleming, P. *Working stiffs: Corporatism and its impact on our jobs and lives*. Peter Fleming interviewed by Jennifer Martin. Audio disponível em: <<http://t.co/C5bjKeDQ>>

9 Sparrow, T. *Bodies in Transit...*, op. cit.

10 Massumi, B. Like a thought. In: ____ (ed.). *A Shock to Thought, Expression after Deleuze and Guattari*. London and New York: Routledge, 2002.

11 Massumi, B. The Autonomy of Affect. Disponível em: <<http://t.co/c0OT4UY3DT>>

12 Backster, C. Evidence of a Primary Perception in Plant Life. Disponível em: <<http://www.rebprotocol.net/clevebackster/Evidence%20of%20a%20Primary%20Perception%20in%20Plant%20Life%2023pp.pdf>>

13 Castañeda, C. Power of Silence. Disponível em: <<http://controlledfolly.googlepages.com>>



a consciência e intensifica a presença no “mundo dos sonhos”. Ao tornar os sonhos reais, ou por se tornar real no sonho, o corpo que sonha aparece. Este tipo de atenção do corpo é uma forma interessante de criação de um corpo e, provavelmente, há aqui uma chave sobre como o primeiro corpo é constituído, e sobre como o segundo corpo pode ser criado. Talvez por se desviar uma determinada quantidade de atenção, de afeto, de energia do primeiro corpo e do primeiro mundo em direção a uma intensificação do Desconhecido, uma segunda atenção e um segundo corpo podem aparecer, do mesmo modo que, ao desviar a atenção da atividade de sonhar, aparece um corpo de sonho.

Para Deleuze e Guattari, “o conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir”¹⁴. O Segundo Corpo pode funcionar como uma espécie de atrator que, talvez, em um determinado ponto, possa abalar a identificação completa com o primeiro corpo. O Segundo Corpo como um conceito é necessário para uma coagulação, a estabilização e configuração parciais de afetos, ideias, práticas e hábitos que surgem em torno da segunda atenção. O Segundo Corpo não concerne tanto ao que existe ou ao que é possível, ou ao que você pode compreender ou validar, o Segundo Corpo não é um corpo que você tem, mas sim um corpo que tem você, é um conceito através do qual o desconhecido pode raptar você. O Segundo Corpo é um conceito, mas também pode ser um corpo concreto não-visual, sem chão, desconhecido, uma segunda natureza ou mesmo o corpo que voa em seus sonhos.

Agora meu corpo está empenhado em escrever este texto, não apenas em digitá-lo, mas também em produzi-lo, todos os órgãos envolvidos no ato de falar também estão ativos ao pensar e escrever. E agora seu corpo está empenhado em ler o que eu escrevo. Ambas as atividades intensificam o princípio de uma mente organizando e comandando o corpo. Mas concomitante a este fluxo executivo, há um segundo, um fluxo afetivo que vem do corpo, que é geralmente silenciado. Enquanto você está lendo, uma segunda atenção pode ser adicionada conectando-se com informações que vem da postura, pequenos movimentos, expressões do rosto. Há um sentimento ou energia ou atmosfera que vem de tudo isso. Isso pode mudar um pouco sua percepção de seres e objetos próximos ou mesmo à distância. Ao registrar sua postura, uma pequena ligação sensível entre você e as formas de vida e os objetos a sua volta pode aparecer. Desta forma, você pode adicionar

¹⁴ Deleuze, G. e Guattari, F. *What is philosophy?* New York: Columbia University Press, 1994 [O que é a filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 46].



uma segunda camada a sua percepção, uma camada não interpretativa: o que está relacionado com uma sensibilidade direta. Se esta segunda atenção se torna um hábito, um segundo corpo e outros mundos podem ganhar um pouco de consistência.

Tradução de Gisella Hiche

*Florin Fluera estudou coreografia na UNATC, em Bucareste, e psicologia na Tg. Universidade Mures. Envolvido em projetos como Biosorcery, Post-spectacle, Presidential Candidacy e Bezna, seu trabalho alterna constantemente os contextos de ativação: artes visuais, dança contemporânea, ativismo, teoria. Atualmente desenvolve práticas, *performances* trabalhando com conceitos como Segundo Corpo, Biosorcery, Dead Thinking, Eternal Feeding Technique TM, a fim de criar o potencial para um ambiente em que formas de pensamento, comportamento e vida ligeiramente diferentes daquela do Homo Economicus possam aparecer.